



ASPIUFF

10 anos Outubro 2002 - Ano X - N° 9

Ainda o I Encontro da ASPI-UFF e da FENAFE

FENAFE – Relato sobre a situação atual

Dando prosseguimento às participações na mesa-redonda da manhã do dia 18 de julho, a Prof^a. Nélia Alves de Oliveira, presidente da Federação Nacional das Associações de Aposentados e Pensionistas das Instituições Federais de Ensino – FENAFE, fez o seguinte pronunciamento:

No momento em que temos a palavra para falar de Organização e Direitos, dificilmente vou conseguir escapar de uma retrospectiva. Até porque isto já é uma característica dos aposentados: reviver o passado. Em 1991, o contexto era de ameaça. O presidente, o primeiro Fernando era um reformista, irresponsável. Muito do que acontece hoje foi decorrente dele ter ameaçado quem nas universidades e no serviço público federal estava em plena maturidade intelectual. E quem se sentiu ameaçado pegou o boné e se aposentou antecipadamente. Nós nos sentimos expulsos do meio acadêmico.

Nós tínhamos um ritmo de crescimento que era absorvido pelos recursos da previdência. E de repente chegou a primeira onda engrossando a folha de pagamento. O que acontece hoje é fruto dessa atitude irresponsável do presidente. No segundo governo, ele fez a mesma coisa. Também ameaçou os servidores ativos, alterando toda a estrutura do instituto da aposentadoria. Outra leva se afastou da universidade, outra onda volumosa que engrossou a folha de pagamento e hoje nos transformamos em encargo financeiro desagradável. Mas quem criou este encargo são as atitudes que não respeitam o caminho natural das coisas. Nós, os aposentados de 91, somos os mesmos que engrossamos as fileiras do movimento secundarista de então. Somos os mesmos que fizemos os primeiros movimentos dentro das universidades. Somos os mesmos que assumiram os diretórios acadêmicos e depois assumimos os sindicatos das nossas entidades. Nosso perfil era diferente. Não era um perfil de ser apenas mais jovem, não era um perfil, como afirmou nosso presidente, de um aposentado aos 45 anos, não era o perfil de um vagabundo, mas de um cidadão brasileiro acostumado à luta. E quando este contingente chegou ao terreno da aposentadoria chegou com firmeza, chegou dizendo que não aceitamos injustiças. Os nossos queridos colegas, aposentados de outras eras, sabem o quanto isto foi importante. Eles foram relegados a ficarem mudos com a ação do tempo corroendo suas melhores energias. Não havia defesa. Nós surpreendemos até nossos sindicatos. Naquele momento conturbado, nossos sindicatos e federações nacionais estavam envolvidos numa luta maior em defesa da universidade pública e gratuita. Se debatiam contra o governo Collor pela não redução das verbas da educação. O movimento sindical foi apanhado de surpresa com as saídas intempestivas dos docentes e funcionários e com mais surpresa ainda de ver que os aposentados não se dobraram. Que eles buscaram espaço próprio sem divergir. *(Continua na p.2)*



No centro, a Prof^a Nélia em seu pronunciamento entre as Prof^{as} Aidyl, presidente da ASPI e Sonia Regina

Notícias

BOLETIM INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO
DOS PROFESSORES INATIVOS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Publicação do Departamento
de Difusão Cultural da Associação
dos Professores Inativos
da Universidade Federal Fluminense

Jornalista responsável:

Neusa Pinto - Reg. MTPS nº 12.255

Equipe de redação:

Ceres Marques de Moraes,
Ana Maria dos Santos e Neusa Pinto

Data de fundação da ASPI-UFF:

14 de julho de 1992.

Sede:

Rua Passo da Pátria, 19 - São Domingos,
Niterói, RJ - CEP 24210-240

Tel.: (21) 2622-9199

Telefax: (21) 2622-1675

E-mail: aspiuff@urbi.com.br

Site: www.urbi.com.br/users/aspiuff

Diretoria Biênio 2000/2002

Presidente:

Aidyl de Carvalho Preis

1º Vice-Presidente:

Joaquim Cardoso Lemos

2ª Vice-Presidente:

Emília de Jesus Ferreira

1ª Secretária:

Magaly Lucinda Belchior da Mota

2ª Secretária:

Léa Souza Della Nina

1ª Tesoureira:

Maria de Lourdes Caliman

2ª Tesoureira:

Ruth Alaiz

Conselho Deliberativo (membros efetivos):

Salvador Alves Pereira – Presidente

Sheilah Rubino de Oliveira Kellner – Vice-Presidente

Teresinha de Jesus Gomes Lankenau – 1ª Secretária

Carlina Cabral Relvas – 2ª Secretária

Acrisio Ramos Scorzelli

Erasto de Carvalho Prestes

Isar Trajano da Costa

Hilda Faria

Júlia Arhontaki

Luiz César Aguiar Bittencourt Silva

Conselho Fiscal (membros efetivos):

Eduardo Pedreira de Cerqueira – Presidente

Nésio Brasil Alcântara – Vice-Presidente

Amanda Celeste Pimentel – Secretária

Antônia Vasconcelos Dias de Azevedo

Maria Therezinha A. Lyra

Departamento de Saúde:

equipe constituída pelas Prof^{as}:

Maísa F. de C. Araújo, Vera B. S. Lemos,

Maria Cândida A. Domingues

Departamento de Assuntos Acadêmicos:

Sônia Maria Silva

Departamento de Direitos:

Jorge Fernando Loretti

Departamento de Difusão Cultural:

Ceres Marques de Moraes

Departamento de Integração Comunitária:

Lúcia Molina Trajano da Costa

Departamento de Lazer e Promoção Social:

Respondendo pelo expediente:

Léa Souza Della Nina

Projeto Gráfico:

Cecília Jucá de Hollanda

Revisão:

Damião Nascimento

Fotografias:

Maurício Scerni

Serviços Gráficos

Gráfica Falcão



No presente número ainda estamos apresentando parte dos acontecimentos ligados ao I Encontro, parte dos resumos das Palestras Comemorativas dos 10 anos e matéria de interesse atual dos associados.

Ainda o I Encontro... (continuação)

Lembro-me da época em que se discutia muito sobre a divisão do movimento e a prova está aí. Nós não nos dividimos, nós não saímos dos nossos sindicatos, não fomos infiéis aos nossos sindicatos. Nós fizemos a diferença ao tratar aquilo que, na ordem do dia, era prioritário para nossos aposentados. Nós fomos adquirindo a mestria da luta diária enfrentando os problemas dentro da própria universidade. Quem não lembra como foi difícil sair de nossos gabinetes docentes. Em algumas universidades os nossos pertences já estavam até arrumados. Nós enfrentamos dias de pagamentos diferenciados de proventos e vencimentos, Nós enfrentamos pensionistas recebendo com 90 dias de atraso e tudo isso era feito a nível administrativo. E o sindicato não via porque havia outras prioridades, válidas, legítimas dentro da ordem do sindicato. Essas prioridades se opunham às nossas questões. Por isso, em 92, ainda na administração do primeiro Fernando surgiram as associações de aposentados e pensionistas nas instituições federais de ensino. E isto não foi à toa. Por exemplo, a ASPI-UFF e nossa associação estão fazendo 10 anos. Não foi coincidência. Houve um movimento político onde o aposentado tivesse voz e vez – 1992, portanto, é um marco histórico. Em 1997 nasce a FENAPE.

No encontro que fez em março, em Campo Grande, a FENAPE alertou para que participássemos do processo eleitoral, uma participação direta, mas não como candidatos, mas para assumirmos a postura de pedir, de solicitar e de reivindicar esclarecimentos sobre a pauta de governo. Assim, fizemos a carta de Campo Grande e hoje podemos desenvolver essa proposta.

Esse breve histórico foi para lembrar aos companheiros que, em 1991, tudo era adverso, mas que em 2002 evitamos muita coisa de ruim para os aposentados porque agimos politicamente e juridicamente. Nesse momento nos aproximamos de um movimento competente sediado no Senado – o MOSAP. Nós aproximamos porque o movimento defendia o que pensávamos, ou seja, evitar o tratamento desigual pela gestão das universidades, manter a paridade de vencimentos e das pensões e defender a estabilidade do servidor público.

A Prof^a. Nélia falou a seguir sobre as principais preocupações da FENAFE: com os aspirantes a cargos no Congresso Nacional; com a recomposição que se avizinha de 5 dos 11 membros do STF; com a necessidade de fortalecimento das instituições de aposentados e pensionistas.

Qualquer dos candidatos à Presidência que vença terá à sua frente o problema da tão falada necessidade de reduzir as aposentadorias dos servidores. Ela se consumará, “em nome da sociedade brasileira”? Os membros do Congresso, novos ou antigos, terão condições para nos apoiar em nossas reivindicações? A futura composição do STF tornará o caminho jurídico mais favorável aos nossos interesses? Quaisquer que sejam as respostas a essas questões, é certo que é preciso fortalecer as instituições de aposentados e pensionistas. É preciso aumentar o ânimo de seus associados para que eles caiam na idéia de que as mudanças serão inevitáveis, que qualquer candidato eleito nos fará pagar a previdência. Precisamos estimular a participação e o questionamento aos candidatos.

A FENAFE não ficará quieta, ela vai esperar no Congresso, como também vai caminhar pela mão da sabedoria jurídica, através de nossos advogados, e também trabalhar dentro do próprio lar, estimulando o debate político particularmente entre os descrentes com a ação dos grupos que atuam de maneira organizada, em prol de nossos objetivos comuns.

A programação prevista incluía a seguir o pronunciamento do Prof. Fernando Molino. Antes, porém, de passar-lhe a palavra, a Prof^a Suely declarou:



O Prof. Fernando Molinos fazendo uso da palavra

Construindo a Participação Política do Docente Aposentado

Aguardei este momento para dizer o seguinte: nós entre os servidores públicos, as entidades de grande expressão existentes, vivemos um temor da questão da desunião. O nosso companheiro e amigo Fernando comandava a coordenação das entidades dos servidores públicos federais e, graças ao seu bom senso e compreensão, nós pudemos juntar a coordenação, a COBAP e o MOSAP, e graças a essa união é que ainda hoje nós estamos podendo brigar no poder judiciário porque estão mantidos na constituição aqueles direitos que já foram citados aqui. O Fernando merece de nós uma salva de palmas porque, na verdade, essa união fundamental era o resultado obtido (palmas).

O Prof. Fernando Molinos iniciou suas palavras do seguinte modo:

Vou tentar construir alguns pontos que acho relevantes. Primeiro, a questão da dificuldade que a gente tem, e é própria dos humanos que detêm a capacidade da fala, da palavra. Às vezes a gente a palavra e como não tem uma linguagem comum, pela falta de exercício coletivo ou quanto pessoa diferente, a gente interpreta a palavra do outro no seu sentido. Aqui ocorreram várias situações dessas e estamos nos detendo em cima da questão da palavra. Vou usar o exemplo “quando tu falas que os homens construíram o mundo”. Independentemente de todas as tentativas existentes de tentar explicar a origem do mundo, inclusive numa perspectiva de aproximação da explicação científica com as explicações metafísicas religiosas. Hoje tem toda uma produção de cientistas da física quântica estudando a origem do mundo. Mas, no meu caso, o mundo a

que eu estava fazendo referência é o mundo da construção das nossas relações sociais. Esse é obra dos homens, sem dúvida nenhuma. Evidentemente que tem a questão da própria concepção de ser e a gente começa a misturar todos os ingredientes da nossa existência. Mas eu sei que a palavra é uma coisa complicada. E eu queria contar uma historinha para vocês. Uma colega minha me contou que, durante uma greve, estava preparando um ato em praça pública, aquele negócio de reunir povo, levar palanque, fazer panfletagem, esperar que todos apareçam. E todos naquela expectativa do povo chegar e os caras se repetindo nos discursos com a coisa já meio cansativa, até que começa a juntar gente. Nisso, vai passando um pastor pela praça e viu o povo e pediu para falar e ela liberou o microfone. O pregador começou a fazer discurso e chamar e apelar para Deus, ou seja, um discurso religioso. E tentando fazer a relação com o movimento de greve, mas o seu discurso estava impregnado da concepção de que a maldade se origina fora do espaço dos homens e vai pelo diabo. E começa a gritar: “fora, satanás, fora, satanás” e no meio da praça, como em toda praça, tinha um bêbado e o bêbado quando ouviu aquilo, gritou: “não sai, satanás, não sai, satanás porque a praça é pública. (risos). Eu estou contando esta história, porque é a história da discriminação e a gente tem exemplos de discriminação e ela tem que ser compreendida na perspectiva da explicação que tenha origem não na relação pessoal de que um queira agredir o outro, mas na perspectiva que a atitude tomada e várias aqui foram enunciadas. Lá na minha universidade, por exemplo, uma discriminação é que professor aposentado não pode tirar livro na biblioteca. É uma discriminação e tem centenas de outras por aí. Mas o que temos que entender é que aquilo não é a reitora que quer. É que se

constrói todo um sistema que tem origem em alguma coisa que leva a condutas de excludências. É isso que eu acho que é presente nas nossas críticas. Agora, a parte de entender que o processo é este nós temos que agir politicamente em relação a ele. Na pauta permanente do nosso sindicato é essencial analisar as relações dos aposentados com o institucional que vai desde a participação ou não da eleição do reitor, das assembléias de greve, do Conselho Universitário. Nós temos o mundo e nós não nos detemos em analisar o conjunto das relações que se estabelecem nessa nova situação.

Eu queria, também, fazer referência a um recente fato que ocorreu na USP que ganhou as manchetes dos jornais em várias edições e que ainda não se resolveu o problema que é a discriminação interna entre as áreas *hards* e as áreas *softs*, que é a dicotomia que se estabeleceu entre a ciência pura de produção e as ciências humanas como a filosofia, literatura etc. Onde se configura uma guerra entre professores de uma área e outra. Quando, na verdade, se trata por trás disso de um projeto de universidade que privilegia uma universidade comprometida com o conhecimento utilitário para o mercado e desprivilegia o conhecimento que eu diria, na palavra deles, inútil. Porque é chamada de cultura inútil. Pensar em democracia, pensar em ética, isso é coisa para babaca. Isso não vende, não agrega valor às mercadorias. É nessa perspectiva que eu queria chamar a atenção que tudo tem um projeto político e uma questão econômica por trás delas.

Eu gostaria ainda de fazer uma referência e também uma contribuição à linha poética que lá na minha terra que tem uma administração que procura se envolver num projeto de sociedade diferenciada, foi criada uma atividade que se chama “poesia no ônibus”, onde a população é convidada a encaminhar poesias, elas são selecionadas e vão para cartazes que são apregoados em todos os ônibus de Porto Alegre. Tem coisas maravilhosas. Em homenagem à ciência da cultura inútil eu vou ler uma que li antes de vir para cá, quando seguia para o aeroporto. É uma poesia que tem o título de INCURÁVEL. O autor é Marcos Cardoso, um cidadão anônimo. Ela diz:

Certa vez fui levado a uma feiticeira, dama do demônio, musa da magia:

Sonha muito e fala asneira, é subversivo, tem atos de rebeldia (é o diagnóstico que a feiticeira fez do rapaz).

Usando de unguentos, a velha cabreira descobriu o encanto da minha agonia.

Contra esse mal não existe cura, o

menino sofre de literatura.

Pois é, o nosso instrumento é outro. Foi um instrumento desvalorizado pela nossa formação de cidadania. Por isso temos que recuperar a questão da fundamentação nossa em outras áreas que não são as áreas pesadas da nossa formação. Então respondam a pergunta: O que se pode fazer para se resgatar enquanto instrumentado para fazer política. Tem várias maneiras. Tem duas vertentes. Uma que diz que a formação política se dá no cotidiano da prática. Eu aprendi muito do que eu hoje consigo expressar, enquanto compreensão de mundo e de política, junto com os trabalhadores, fazendo política sem saber fazer e aprendendo com meus companheiros. Não tem coisa mais linda do que aprender com o trabalhador quando a luta é a mesma. E a segunda coisa é forçando a capacidade de compreensão de textos incompreensíveis.

Para concluir, com relação à questão da palavra inativos, aposentados ou veteranos, como já estão querendo propor, ou seja, trabalhadores que continuam na luta como veteranos de guerra. Eu não gosto de inativos porque tem uma conotação que todo mundo já expressou aqui. Eu uso mesmo é aposentado porque é essa a condição. Embora a gente tenha que combater a

conotação pejorativa contra este direito de cidadania. E vou contar duas histórias para finalizar. Uma delas me contou uma colega nossa numa de nossas discussões. Disse ela que com toda essa crise, ela teve que chamar o filho, e ela é mãe solteira, e dizer que a situação está ruim, precária, que o salário não aumenta e nós vamos ter que fazer alguns cortes e ajustes. Enquanto ela falava, o rapaz olhava para ela com um olhar gélido que ela já estava se sentindo desconfortável, mas que tinha que assumir. Quando ela terminou de falar, o rapaz olhou para ela e disse: “É, eu sabia que sua aposentadoria ia dar nisso”. Vejam bem, até o filho não reconhece o direito do estado de aposentadoria que a mãe conquistou trabalhando arduamente. A outra história eu encontrei semana passada, na *Folha de S. Paulo* e o título é assim: *Vai trabalhar, vagabundo!* E ele conta a história de Eder Jofre que foi campeão mundial em duas categorias. Diz o texto: Um dia após ter-se aposentado, Eder estava em casa e o filho perguntou o que ele fazia da vida. Eder tentou explicar que um ex-atleta é como um artista, mas o menino prosseguiu, mas você não trabalha, pai? E ficou olhando para Eder com um olhar

acusador. Naquele momento, Eder resolveu voltar e conquistou o segundo título mundial para o Brasil. É para vocês terem uma idéia de como está incorporada a concepção que precisa ser superada na nossa cabeça, porque não podemos nos culpar por não estarmos trabalhando, mas conquistamos esse direito. E, finalmente, dizer que nós estamos trabalhando no sindicato como outra categoria que não é a dos aposentados, nós temos trabalhado com a questão de assuntos de aposentadoria na medida que entendemos que o processo se dá como uma categoria que afeta a todos os trabalhadores. É uma questão que também diz respeito ao pessoal da ativa. E, nesse sentido, eu acrescento a proposta da Maria de que os cursos de formação sejam voltados para o aposentado e abertos à participação dos companheiros da ativa que precisam ser chamados. Eu agradeço muito, foi um prazer e uma honra estar com vocês aqui. Estamos cumprindo o nosso papel de cidadãos na busca de uma sociedade mais justa, mais humana, mais solidária, mais feliz.

Muito obrigado.

A ASPI-UFF: Lutas e Conquistas

Prof^a. Aidyl de Carvalho Preis

Em prosseguimento à mesa-redonda de 18/7/02, a Prof^a. Suely deu a palavra à Prof^a. Aidyl, para falar sobre “A ASPI-UFF – Lutas e Conquistas”.

Depois de saudar os presentes e falar da emoção que sentia no momento, a Prof^a. Aidyl fez inicialmente ao pronunciamento da Prof^a. Nélia, de que também para ela essa comemoração dos 10 anos é fruto de uma militância. Todos nós, de uma geração, fomos militantes; participamos da vida estudantil, da política estudantil, tivemos a oportunidade de fazer parte daquelas turmas chamadas “seriadas” que permitiam que se criassem líderes, como são hoje a Nélia, o Domingos, a Maria Machado e outros. E essa militância continuou sendo exercida em nossa aposentadoria. É fruto dela a nossa adesão ao grupo que, na UFF, propôs e criou a ASPI.



O que queríamos quando criamos nossa associação? Nós queríamos evitar o isolamento, evitar o que sabíamos que poderia ocorrer: que nós perderíamos muito de nossa experiência, nós saberíamos como eu lamentavelmente sei, e a Suely também sabe, que nas nossas áreas de origem seríamos esquecidas rapidamente, nós passaríamos como se

nunca tivéssemos criado alguma coisa, como se nunca tivéssemos sonhado, como se nunca tivéssemos trabalhado no nosso dia-a-dia, esquecendo família, esquecendo tudo para construir uma universidade, para abraçar a causa da educação. Isto se constituiu na nossa árdua luta, e hoje qual de vocês é ou foi convidado pelos seus departamentos de origem para uma visita uma vez por ano? Uma única vez por ano? Porque este, infelizmente, é um país sem memória, é um país que não

sabe honrar os legados que recebem. Graças a Deus eu sou da área de História e me comprometi com as outras gerações como todos nós nos comprometemos. O que nós estamos fazendo agora é legar às outras gerações o que elas nos trouxeram de bem ou de mal. É isto que é muito importante. Nós não negamos esta grande missão, que cada um de nós tem. Nós temos que sair para a prática, nós não

podemos ficar só na utopia, nós sabemos que amanhã quando terminar este Encontro, temos que começar uma nova caminhada. Talvez nenhum de nós imaginasse que vínhamos para cá para receber uma missão, uma missão que cada um deve levar. Hoje nós temos 600 associados e temos apenas 60 que freqüentam a ASPI, nós costumamos dizer que há 10 anos somos as mesmas flores, os mesmos bancos e o mesmo jardim. Será que agora a gente vai ter coragem de mudar? Mudar aos 70 anos? É mais difícil, mas não é impossível, como diz o Fernando. Nada é impossível quando a gente se entusiasma. Quando a gente acredita nada é impossível. Tudo é possível quando nós realmente assumimos uma causa, quando assumimos uma missão. Então, é isto que temos a dizer, que fomos capazes de criar uma associação, de comprar uma sede e transformar uma casa num pequeno palácio que nos abriga. E nós ficamos tão orgulhosos quando entramos naquela casa e constatamos que é uma casa de época. Compramos um piano e ainda não pagamos. Antes de terminar meu mandato, nós pagaremos. Mas o importante de tudo isto é que fomos capazes de criar a nossa associação, fomos

capazes também de romper algumas barreiras, porque hoje temos assento nos três conselhos da universidade. No Conselho Universitário, no Conselho de Ensino e Pesquisa e no Conselho de Curadores (aplausos). Não ficamos parados, estamos presidindo comissões importantíssimas na universidade. O professor Joaquim está participando da comissão que vai apurar a consulta pública para a escolha do novo reitor. A ASPI - UFF foi incumbida de organizar a apuração da consulta política.

Conseguimos alguns ganhos importantes: como participar de conselhos e do fórum municipal de idosos, porque achamos importante estarmos dentro da comunidade participando ativamente. E hoje, com muito orgulho nós integramos a FENAFE e estamos participando do MOSAP. Tive a oportunidade de participar de uma reunião deste órgão e lá fui convidada para uma audiência pública no Congresso, a que precedeu a ida de nossa comissão ao Fórum de Madri, que se realizou em abril. Isso tudo revela uma coisa importante, vamos nos unir, vamos trabalhar, não vamos ter medo porque, se nós desanimarmos, vai ser muito pior.

Aqui foram colocadas questões importantíssimas. Todos nós sabemos que este ano, é um ano excepcional. Até agora nós tivemos uma caminhada difícil, mas chegamos até aqui e o que vai ocorrer com nosso futuro? Se nós, pura e simplesmente, continuarmos sem nos conscientizarmos do papel que cada um de nós tem, evidentemente os tempos futuros serão piores. E serão piores por quê? Serão piores porque se nós estamos prolongando a vida do idoso, nós precisamos dar qualidade à vida do idoso. A redução dos nossos proventos, evidentemente, será um desastre para todos nós. É isso que o governo coloca e é contra isto que estamos nos opondo. É importantíssimo dizer a todos que nós estamos vivos e que não basta falar. E nós gostaríamos de aproveitar a oportunidade para agradecer, profundamente, a você, Domingos Travassos por tudo que você tem feito. Talvez poucos conheçam e eu também não conhecia, mas fiquei entusiasmada quando vi o trabalho e a forma como você conduziu a reunião de que eu tive a honra de participar. Ele começou como eu terminei, agradecendo a Deus a sobrevida e pedindo a ele que nos dê forças para continuar nossa grande missão. Muito obrigada. (aplausos).

A FRENTE INFORMA

Tem coisa que a gente não sabia ou esqueceu... Ou leu mas não prestou atenção... Ou sabia mas ainda não era pobre... Em 1995 o salário mínimo chegou a passar os 100 dólares e agora vive em volta dos 50... As perdas das aposentadorias ultrapassam 50%... O desemprego ronda nossos lares... Mas 2003 vem aí... O Congresso vai ficar diferente... É renovar as esperanças... Afinal, pobre vive de teimoso... Ou não????

A representação sindical dos trabalhadores no Congresso, apesar de não poder contar com nomes da expressão de Jair Meneguelli (PT/SP) e Jaques Wagner (PT/BA), cresceu qualitativa e quantitativamente nesta eleição, segundo levantamento do DIAP. De acordo com o órgão, a bancada sindical passou de 44 para 57 parlamentares, sendo 52 deputados e cinco senadores.

Além da reeleição de 26 nomes da legislatura passada, entre os quais Medeiros e Ricardo Berzoini, foi incrementada com a presença de outros expoentes do sindicalismo, como Vicentinho (PT), ex-presidente da CUT, e de Cláudio Magrão (PPS), da Força Sindical, na Câmara, e Paulo Paim, no Senado Federal. Veja a lista em ordem alfabética.

A Bancada Evangélica na próxima Legislatura

A nova composição da Câmara dos Deputados não alterou numericamente a bancada evangélica que atua no Parlamento Federal. Hoje, os evangélicos somam 48 deputados federais liderados pelo deputado do PL do Rio de Janeiro, Bispo Rodrigues, representante da Igreja Universal do Reino de Deus. Segundo levantamento parcial do DIAP, a bancada evangélica que tomará posse em 2003 reúne 45 deputados.

No Senado Federal, não há registro de uma bancada evangélica na composição atual da Casa. Já para a próxima legislatura, a bancada congregará quatro representantes e certamente terá como principal interlocutor o bispo Marcelo Crivella, do PL do Rio de Janeiro, também membro da Igreja Universal do Reino de Deus. O DIAP classifica como integrante da bancada evangélica, além dos bispos e pastores, aquele parlamentar que professa a fé da doutrina evangélica.

Jandira Feghali questiona planejamento das plataformas petroleiras

Para a deputada federal Jandira Feghali, a Petrobras tem tido sucessivos problemas nos últimos cinco anos e é necessário que sejam feitas análises sobre os projetos de engenharia e os

cálculos de projeção da produção da empresa.

A maior estatal do país passou por um forte processo de terceirização nos últimos dois anos. Segundo Jandira, esse fato desqualifica os trabalhos de manutenção e operação dos petroleiros. “A seqüência de acidentes não é mero acaso. Dos 76 funcionários retirados da P-34, só 23 eram empregados da Petrobras. É preciso avaliar exatamente como está sendo feito o planejamento dos pontos de produção e segurança da empresa. Além de descobrirmos exatamente quais são esses cargos terceirizados e até que ponto essa terceirização não envolve a segurança das atividades ao mar”.

Para Jandira, a verificação das atividades petroleiras hoje não é adequada. “A ANP acompanha de longe e a Marinha Mercante não tem quadros específicos para esse tipo de análise”.

“A legislação brasileira exige que haja integrantes da marinha mercante em todos navios e plataformas como questão de segurança. Mas de fato só um marinheiro acompanha tudo, ficando 24 horas desperto durante os quinze dias que fica ao mar. Isso é um absurdo. Na realidade, a segurança não existe”.

Jandira Feghali é coordenadora dos trabalhos da comissão que intermedeia a investigação sobre a Petrobras com a Marinha Mercante, que discutirá hoje o acidente do navio-plataforma P-34. Fonte: Boletim VERMELHO, do PCdoB

Momento político atual: FHC, balanço de uma era

Prof.^a Sonia Regina de Mendonça

Qualquer avaliação, ainda que superficial, do delicado momento político que o país atravessa, não pode prescindir de uma breve “vista d’olhos” sobre as linhas mestras da política econômica da “era FHC”. Até porque, e isto é de vital importância termos claro, o que está em jogo nas urnas para o 2º turno é a preservação deste mesmíssimo receituário, calcado sobre dois “motes”: o corte dos gastos públicos e a ortodoxia monetária.

Por certo, o candidato que vier a ser vitorioso do pleito final sofrerá severas restrições para realizar boa parte de suas propostas de campanha, já que o orçamento de 2003 encontra-se aprovado, no atacado, bem como já estão prefixadas as taxas de juros do ano vindouro num patamar que continua assegurando ao Brasil o “honroso” lugar de maior paraíso fiscal do mundo ocidental contemporâneo. E é para assegurar este lamentável e vergonhoso *status*, que se tem administrado a política econômica neste país, subordinando os gravíssimos problemas

sociais que nos afligem aos interesses de meia dúzia de grandes empresas financeiras, transformadas em “tutoras” e avalistas do Executivo Federal.

Foi para manter crescentes os já exorbitantes lucros do capital bancário e financeiro, que esta gestão de oito anos transformou direitos sociais da cidadania em objetos da filantropia, fomentando a multiplicação de “redes solidárias” que, na prática, estão substituindo o próprio Estado, hoje despido de qualquer compromisso com a política social e a cidadania. É para tratar a “pires de leite” o capital especulativo estrangeiro que se tem destruído a seguridade social (de recente consolidação no texto constitucional brasileiro) no país, golpeando com isso, e rudemente, as classes trabalhadoras em seu conjunto, assim minadas das garantias mínimas de sua reprodução social e organização política. É para imolar no altar dos especuladores, o sangue, suor e lágrimas do trabalhador brasileiro, que se **escolheu** praticar, sob o pomposo nome de “ajuste fiscal”, a mais

brutal violação da autonomia municipal vivida neste país, vitimando ainda mais os carentes que dependem dos serviços públicos de saúde ou educação. É para impedir que os capitais especulativos voláteis e parasitários daqui se ausentem, que se cultiva a perversa ideologia que atrela, sem qualquer pudor, a inflação ao déficit público, fazendo ver e fazendo crer ser o funcionalismo público o responsável pelo caos econômico em que o país ora se encontra.

E a luz no fim do túnel? Ainda que a “era FHC” tenha conseguido implantar no Brasil um “Estado de Mal-Estar Social”, somente poderemos enxergá-la quando alguém se dispuser, ao menos, a enfrentar a taxa de juros genocida aqui praticada. Aqui faço minhas as palavras de Frei Betto, em mensagem fartamente divulgada na rede, ao explicar que vota em Lula porque “embora seja cristão e acredite em milagre, não creio que Deus fará pelo Brasil o que os brasileiros se recusam a fazer”.

Interação fármaco x nutriente na terceira idade

Prof.^a Nelzir Trindade Reis

O envelhecimento é um processo homogêneo que cursa com diversos tipos de doenças crônicas, levando a um alto consumo de fármacos, correspondendo a aproximadamente 30% dos medicamentos vendidos. O estado nutricional do idoso corresponde ao reflexo, no presente, de sua vida passada. A progressão das alterações nos processos biológicos, à medida que o tempo passa, leva às modificações estruturais e funcionais nos tecidos do organismo e à diminuição da capacidade de reprodução celular, gerando modificações nos órgãos, onde a diminuição da eficiência é causada por perda de células, ficando a capacidade funcional nas células restantes.

Segundo Smith (1995), o idoso, em casa, consome de 3 a 7 diferentes drogas e, hospitalizado, 10 ou mais tipos por dia.

As interações fármacos x nutrientes no idoso podem sofrer várias interferências, como: as drogas, alterando a biodisponibilidade e provocando deficiência de nutrientes; os nutrientes podem alterar a biodisponibilidade e provocar ineficácia das drogas, bem como gerar reações adversas; as doenças crônicas e a alteração do estado nutricional interferindo na

biodisponibilidade e utilização dos fármacos e dos nutrientes; o uso de múltiplas drogas que podem levar a várias interações e colateralidades que, em segunda intenção, levam às alterações do estado nutricional; os pacientes que moram sozinhos, sem supervisão, cometem mais erros quanto à utilização dos fármacos e não se alimentam bem; o uso de bebida alcoólica que pode potencializar ou diminuir ou anular o efeito do fármaco etc. É comum a prática de administrar medicamentos junto com alimentos para diminuir os efeitos colaterais sobre o trato gastrointestinal, mas essa prática pode resultar na diminuição, na demora ou na modificação da ação e efeito do fármaco.

As interações fármacos x nutrientes são muito observadas na terceira idade e nas doenças crônicas e, à medida que há um declínio ou piora do estado geral do paciente, elas se intensificam. As implicações na nutrição do idoso variam desde a má nutrição protéica, alteração do metabolismo dos glicídios e lipídios, até as deficiências de vitaminas e minerais, agravando o quadro geral.

A magnitude da interação depende da natureza física e química do medicamento, do tipo e volume da refeição, da ordem da ingestão dos alimentos e dos medicamentos, do intervalo

de tempo entre a alimentação e a administração do medicamento, da concentração e tempo do uso da droga e da idade e estado nutricional do indivíduo.

A falta de eficácia do medicamento e os efeitos nutricionais indesejáveis estão no nosso dia-a-dia e poderiam ser previsíveis e evitáveis se houvesse conhecimento do assunto de todos os membros da equipe de saúde. É claro que a terapêutica medicamentosa é importante, mas a nutrição clínica cresce em igual ou maior importância, pois além de ter como objetivo a recuperação do estado nutricional, atua, também, como veículo para que a droga tenha sua ação mais rápida ou não, de acordo com a necessidade do paciente, bem como minimiza ou evita as colateralidades e as interações negativas.

A conduta dietoterápica deve ser individualizada e condimentada com paciência, carinho, “papoterapia” e amor, que, no nosso entender, são nutrientes da alma e complementam o tratamento, pois “má nutrição é sinônimo de mais difícil recuperação e mais fácil chegar ao êxito letal”.

Novos Associados

Regina Célia de Souza Pereira. Seja bem-vinda!

O Grupo de Teatro da ASPI-UFF

É com muita satisfação que desejamos registrar o bom nível das apresentações do Grupo, que é orientado pela atriz Maria Lidia Costa.

Sente-se em seus integrantes o prazer de se apresentar, o que mostra que a orientação que têm é estimuladora, não obstante o reduzido tempo da existência da equipe. Os nossos cumprimentos.

O Dia do Mestre

Em 2002, a data foi festivamente comemorada com a realização de uma agradável Tarde de Convivência. Números do “Coral Cantar é Viver”, do Grupo de Teatro, de Poesias, de piano, além de um saboroso lanche, fizeram com que os muitos aspianos presentes passassem uma tarde muito agradável. Frequentem as atividades de sua Associação!

Momentos Agradáveis

No dia 17 de setembro foi realizada na ASPI a tarde de autógrafos da aspiana Profª. Gylce de Almeida Santiago.

Na oportunidade a autora falou da edição conjunta dos seus trabalhos “Retalhos”, “Brincando de Escrever” e “Reflexões de 3ª (ou 4ª) idade”, que agora aparecem sob o título “Recordações de minha estrada”.

À Prof. Gylce os nossos cumprimentos e a nossa alegria pelos momentos agradáveis que você e sua obra nos proporcionaram.

I Encontro. Flagrante do jantar comemorativo



ELEIÇÕES NA ASPI-UFF

De dois em dois anos, a ASPI-UFF realiza eleições para seus quadros superiores: Diretoria Executiva, Conselhos Deliberativo e Fiscal. Estamos nesta fase – a da escolha dos novos dirigentes para o biênio 2002-2004.

Diferentemente do que ocorre na área externa, em que as forças políticas se empenham ferreamente para alcançar cargos executivos e legislativos, na ASPI-UFF a situação é oposta: não há disputa.

Que reflexões podem ser feitas de fato tão inusitado, em relação aos nossos associados? É inércia, indiferença ou satisfação? Afinal, nossos associados estariam mesmo satisfeitos? Como sabê-lo, com o silêncio atual?

Ao longo destes dez anos, foi possível a um grupo inicial de cerca de cinquenta associados, hoje seiscentos, atingir metas importantes: deixar de migrar de local a local, e conquistar sua sede própria. Sede esta que possui, hoje, requisitos essenciais para seu pleno funcionamento.

O custo material desta importante conquista todos sabem, ou podem saber, através de nossos boletins que publicaram as prestações de contas referentes aos gastos feitos, mas, **o custo pessoal** dos que se envolveram nesta tamanha tarefa, que consumiu horas, dias, semanas, meses e anos, como avaliá-lo? Dirão, que foi um ato voluntário. Certamente foi. Mas, e daí?

O que esperamos de tanto esforço? Qual o retorno almejado?

Nada mais do que a participação efetiva de nossos associados e pensionistas. Esta é a meta importante que estamos por conseguir.

Para tanto precisamos **construir uma nova cultura participativa** que, infelizmente, não faz parte da tradição brasileira. Ao contrário, **o individualismo** é uma de nossas características mais ressaltadas. Tratamos tudo de forma imediatista, como se apenas os nossos próprios problemas devam ser nossa preocupação exclusiva.

Não há dúvida de que temos significativos exemplos de abnegação e dedicação. Graças a Deus. A ASPI-UFF de ontem, quando foi criada, era, para nós, uma continuidade de nosso ambiente universitário, queríamos manter acesa a chama acadêmica.

Aos poucos, pressionados por fatores externos, especialmente pela política do atual governo, mudamos. Hoje nossa agenda é basicamente a da defesa de **direitos adquiridos e o bem-estar do idoso brasileiro**.

Precisamos manter nossa união, nossa coesão. Conseguimos levar a ASPI-UFF a integrar, efetivamente, **o movimento nacional de defesa permanente de nossos interesses**. Não há como recuar. Estamos nos identificando, cada vez mais, com as grandes causas nacionais, que buscam a melhoria das condições dos idosos em nosso país.

Voltemos à nossa eleição para o novo biênio 2002-2004. Refletindo em conjunto, a Diretoria Executiva atual, bem como os Conselhos Deliberativo e Fiscal, concluíram pela recondução de todos os atuais integrantes, considerando não ter havido quaisquer manifestações de nossos associados. A omissão ocasionária sério problema institucional em hora imprópria. Assim sendo, a gravidade e a complexidade desta situação exigiram o sacrifício de alguns que, ao longo destes dez anos, se revezaram no poder, não por amor aos cargos, mas pela ASPI-UFF.

Temos a certeza de que os próximos dois anos serão diferentes, e, certamente, não precisaremos usar o estatuto da reeleição, tão questionado em nossos dias. Ao contrário, esperamos contar com uma maior participação de todos, que entenderam que o nosso grande desafio é: **criar uma sólida cultura participativa**, onde outras idéias, outros projetos venham a engrandecer a nossa querida e, hoje, sempre mais importante **Associação dos Professores Inativos da Universidade Federal Fluminense**, nossa ASPI-UFF.

A melhor maneira de demonstrar preocupação com o nosso futuro será qualquer manifestação dos associados e, principalmente, participar efetivamente de nosso processo eleitoral, **vindo votar nos dias 12 e 13 de novembro de 2002**.

Assistência Social – A Luta por uma Gestão Democrática em Niterói

Heloísa Helena Mesquita Maciel

Em 7 de dezembro de 1993 foi sancionada a LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social – que dispôs sobre o processo de gestão da Política Pública de Assistência Social, apontando o comando único em cada esfera de governo e tendo por diretrizes a descentralização político-administrativa e a participação popular.

Configura-se a partir de então, um grande desafio para os estados e principalmente para os municípios, *locus* do cidadão: realizar o ordenamento institucional, garantir a base da gestão e implementar a Rede de Proteção Social.

Em Niterói, essa base legal é estabelecida em 1996, através da Lei 1.549, que criou o Conselho Municipal de Assistência Social e seu respectivo Fundo.

Vencido o primeiro desafio, que era criar a base legal, surgiu um segundo: a concretização da proposta mediante a implantação efetiva do Conselho.

Diversos fatores contribuíram para a superação desse obstáculo, destacando-se entre eles o rompimento com antigas práticas clientelistas e a formação de uma nova cultura de gestão colegiada onde poder público e sociedade civil pactuam a gestão dentro de um processo de correlação de forças naturalmente presentes, sem no entanto perderem de vista o objetivo comum.

Novos conceitos e ações vieram também para romper com a cultura de benesse e permitir o reconhecimento da assistência social como um direito do cidadão, um dever do Estado. Estabeleceram ainda parâmetros objetivando nortear a atuação dos

conselheiros na construção da Política de Assistência Social.

Niterói tem alcançado grandes conquistas nesse sentido. O reconhecimento da importância da gestão compartilhada com a sociedade civil tem levado o governo municipal a avançar além do cumprimento legal de formação de conselhos, criando condições para o pleno funcionamento deles e estimulando, além de apoiar a criação e funcionamento de comissões, comitê, fórum etc. espaços privi-legiados onde a sociedade civil, tradicionalmente atuante no município, vem desempenhando uma reconhecida e importante atuação. É desse pacto plural e consciente que nasce uma gestão democrática e participativa.

Aniversariantes do Mês



Outubro

Parabéns!

- | | | |
|--|--|--|
| 1 Maria de Lourdes Carpi
Weston de Salles Cunha | 11 Wilma Fargnoli Jobin | Dilza Cozendey Crespo |
| 3 Guilherme Eurico B. da Cunha
Violeta Campofiorito de S. Gama
Thylmar Villela
Jansen Faria
Desiree Batista Correa | 12 Lecyr Miranda de Paiva Lessa | Thereza Sita de Cars
Regina Celia Pereira da Rosa |
| 4 Godofredo Saturnino da S. Pinto | 14 Hiram Fernandes
Antonia Vasconcelos D. de Azevedo
Cicero Carlos de Freitas
Eva Mila Miranda Sá
Lúcia Ferreira Sasse | 23 Marlene Pinto Mendes
Maria Beatriz C. Silva E. Weeks |
| 5 Maisa Freire de Castro Araujo
Glen de Medeiros Hinds
Alfredo Mitczuk Junior | 15 Sonia Malta Schott | 24 Leila Nocchi Kobayashi |
| 8 Lúcia Helena Sgaraglia Manna
Sueli Braga Leite
Vera Regina Salles Sobral | 16 Teresinha Souto Crasto de Vega
Rejane Teixeira Vidal
José Fenando Bittencourt Sampaio | 25 Lúcia Molina Trajano da Costa
Hilma Pereira Ranauro |
| 9 Waldemar da Silva Passos
José Francisco Borges Campos
Dalva Gomes Huguenin Câmara | 19 Paulo Roberto Rodrigues Mathias | 27 Edna Mello Thomas
Newton da Cruz Rocha |
| 10 Deusa da Cunha Bruno | 20 Adilea Sayão da Fonseca
Benedito Aparecido de Toledo
Luiz Affonso Juruena de Mattos | 29 Maria da Glória B. de Paula
Elsa Savino de Mattos |
| | 21 Guaracy Salles de Oliveira | 30 Helena Nunes de Araujo
José Carlos d'Abreu
Dalgio Roberto de C. e Cunha |
| | 22 Anna Maria Mattoso Maia Forte
José Pedro Pinto Esposel | 31 Antonio Carneiro Lopes |